

A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO PENSAMENTO EM ARISTÓTOLES E A LINGUAGEM COMO FORMA CONSTITUTIVA DO SUJEITO EM BENVENISTE

José Ricardo Carvalho*

Resumo: A linguagem, como fenômeno complexo e multifacetado, tem sido amplamente estudada e debatida ao longo da história da filosofia e da linguística. Dois dos principais pensadores que se destacaram, ao refletir sobre a natureza da linguagem, foram Aristóteles, no século V a. C., e Émile Benveniste, em meados do século XX. Para Aristóteles, a língua se comporta como uma ferramenta do pensamento para representar a realidade na forma de proposição, enquanto para Benveniste, a língua é uma atividade que configura o pensamento no discurso e manifesta a subjetividade nas relações intersubjetivas por meio da enunciação. Ambos os pensadores contribuíram para o desenvolvimento da teoria da linguagem e deixaram um legado importante para a compreensão da relação entre língua e pensamento. Neste artigo, comparamos essas duas concepções de linguagem e discutimos como elas dialogam com questões em torno da relação língua e pensamento.

Palavras-chave: Categorias Aristotélicas. Relação Língua e Pensamento. Formas Linguísticas. Subjetividade na Linguagem.

ARISTOTLE'S CONCEPTION OF LANGUAGE AS AN EXPRESSION OF THOUGHT AND BENVENISTE'S CONCEPTION OF LANGUAGE AS A CONSTITUTIVE FORM OF THE SUBJECT

Abstract: Language, as a complex and multifaceted phenomenon, has been widely studied and debated throughout the history of philosophy and linguistics. Two of the main thinkers who stood out when reflecting on the nature of language were Aristotle, in the 5th century BC. C., and Émile Benveniste, in the middle of the 20th century. For Aristotle, language behaves as a tool of thought to represent reality in the form of a proposition, while for Benveniste, language is an activity that configures thought in discourse and manifests subjectivity in intersubjective relationships through enunciation. Both thinkers contributed to the development of language theory and left an important legacy for understanding the relationship between language and thought. In this article, we compare these two conceptions of language and discuss how they dialogue with issues surrounding the relationship between language and thought.

Keywords: Aristotelian Categories. Language and Thought Relationship. Linguistic Forms. Subjectivity in Language.

Introdução

Émile Benveniste (1902-1976), renomado linguista do século XX, apresenta reflexões sobre a concepção de linguagem postulada por Aristóteles e o modo como o filósofo da Antiguidade estabeleceu a relação entre língua e pensamento. Para Benveniste (2005), no texto *Categorias de pensamento e categorias de língua*, a compreensão da linguagem verbal pode ser observada de maneira infinita e variada, todavia a realidade da língua permanece, em geral, pouco estudada no que tange a sua relação com o pensamento e a sua forma de funcionamento nas relações intersubjetivas. Nos estudos de Aristóteles (1985), por exemplo, observa-se a prevalência do pensamento sobre a língua, sem relação de interdependência. Em contraposição a essa ideia, Benveniste observa que por mais abstratas ou particulares que sejam as operações do pensamento, elas só podem ser concebidas a partir da expressão da língua. A língua é o molde de toda a expressão possível, não apenas da transmissibilidade de uma ideia; mas também da realização do pensamento. Desta maneira, não se pode captar o pensamento sem passar pelos quadros da língua.

A compreensão da relação entre o conteúdo do pensamento com as formas linguísticas traz muitas controvérsias. Uma primeira questão, então, é saber se podemos conceber as formas da língua como expressão do pensamento por meio de categorias oriundas de uma descrição gramatical, com base em fundamentos lógicos e sem marcas de subjetividade. Para abordar esse problema, Benveniste propõe examinar as categorias de Aristóteles, e trazer para discussão, em seus estudos posteriores, as formas vazias da língua (como os pronomes pessoais, verbos e alguns advérbios) que marcam a pessoa, o tempo e espaço e que não foram consideradas por Aristóteles.

Benveniste coloca em questão o papel de categorias linguísticas propostas por Aristóteles como um mero espelho da realidade. O autor questiona se a língua, de fato, é subserviente do pensamento como preconizava o filósofo grego e se as categorias derivadas de tradição dos estudos da gramática grega eram suficientes para explicar o funcionamento da linguagem. Apesar desses questionamentos, o linguista destaca as contribuições de Aristóteles para a compreensão da relação pensamento e língua na compreensão das proposições no campo da lógica. As ideias aristótélicas continuam sendo referências importantes nos estudos da linguagem e do pensamento quando se analisa proposições.

Se por um lado, Aristóteles concebeu categorias gramaticais como formas de expressão do pensamento, Benveniste ampliou os estudos das categorias linguísticas, no percurso de seus estudos, destacando a importância das formas vazias como índices de construção de subjetividade e intersubjetividade na linguagem. Diferentemente das formas plenas, que possuem um significado semântico atrelados a objetos no mundo, as formas linguísticas vazias não possuem referência direta a entidades ou a objetos específicos. Elas são preenchidas e adquirem significado no ato da enunciação que situa as relações estabelecidas entre os interlocutores.

Um exemplo de forma vazia é o pronome pessoal "eu" que é designado por quem toma a palavra no momento da enunciação. Nesse contexto, o pronome, desprovido de significado pré-definido, torna-se inteligível apenas no contexto da interação, estabelecendo uma relação direta entre locutor e interlocutor. Por esse prisma, as formas vazias não apenas apontam para o sujeito, mas também evidenciam marcas de subjetividade. Dessa maneira, a língua não é simplesmente um reflexo do pensamento; mas também um meio pelo qual o sujeito se inscreve e se posiciona no discurso, criando e mantendo vínculos intersubjetivos.

Benveniste (2005), em sua construção teórica, demonstra que a significação da palavra não está contida nos signos linguísticos no interior de uma sentença, mas é produzida pela relação do falante ao tomar a palavra, deixando marcas de subjetividade no enunciado. Sob esse viés, discutimos, nesse trabalho, os processos de significação, examinando a concepção de língua como expressão do pensamento defendida por Aristóteles e a concepção de língua como atividade constitutiva do processo interacional assumida por Benveniste. Acompanhamos, neste artigo, diferenças de concepção de linguagem desses dois estudiosos quando constroem categorias distintas para explicar o funcionamento de língua e seu papel na atividade de compreensão de um dizer.

1 A descrição de categorias linguísticas para representar o pensamento

O estudo das "categorias", na obra *Órganon*, escrita por Aristóteles, busca a descrição e a compreensão do pensamento lógico, empreendendo a classificação e a organização do conhecimento presentes em assertivas e proposições. Sua obra corresponde a uma tentativa de descrever as formas objetivas do pensamento e do

conhecimento por meio categorias de expressão lógica vinculadas a unidades da língua. Desta maneira, ele busca estabelecer princípios lógicos que permitam a correta formulação e interpretação dessas expressões, levando em consideração as relações entre os elementos linguísticos e a estrutura lógica subjacente. Este pensador demonstra que unidades linguísticas estabelecem relação com o pensamento, servindo de meio para descrever e classificar características mais essenciais dos seres representados nas proposições. A seguir, apresentamos um quadro que organiza e exemplifica as categorias aristotélicas, demonstrando a forma como elas conectam a língua ao pensamento, com a finalidade de reconhecer os elementos discretos envolvidos na análise de proposições.

Quadro 1: Apresentação das categorias de Aristóteles

| Categorias de Aristóteles | Conceituação das Categorias | Exemplos de Proposições Lógicas |
|---------------------------|---|---|
| Substância | Refere-se a algo que existe por si só, como uma pessoa, um animal, uma planta ou uma pedra. | Marcos é um homem sem sorte. |
| Qualidade | Diz respeito às características ou propriedades do ser, como cor, sabor, textura, entre outras. | Marcos é azarado . A enfermeira é atenciosa e cuidadosa com o paciente. |
| quantidade | Refere-se à medida ou extensão do ser, se é grande ou pequeno, alto ou baixo. | Marcos pagou uma conta de telefone de mais de três mil por engano. |
| Lugar | Diz respeito à posição ou localização do ser no espaço, como em casa, na escola, em um país ou em um planeta. | Marcos está na sala de recuperação do hospital . |
| Tempo | Refere-se ao período ou momento em que o ser existe ou ocorre, como hoje, ontem, amanhã, agora ou no passado. | Durante toda a sua vida , Marcos foi enganado. |
| Ação | Diz respeito às atividades ou comportamentos do ser, como correr, falar, cantar ou trabalhar. | Marcos perguntou sobre a operação de apendicite. O médico trocou o sexo de Marcos. |
| relação | Refere-se à forma como uma coisa está relacionada a outra, como a amizade, a inimizade ou ao parentesco. | O engano do médico foi trocar o sexo do paciente no lugar da operação de apendicite. |
| Paixão | Termo utilizado para indicar que o sujeito da ação é afetado ou sofre a ação de outro agente. Refere-se ao que o ser sofre ou padece, como emoções, sentimentos ou traumas. | Marcos teve o sexo trocado pelo médico. |
| posição | Refere-se à postura física do ser, como estar sentado, de pé ou deitado. | Marcos estava deitado em uma cama de hospital. |
| estado | Refere-se à condição ou situação do ser, como saudável, doente, feliz ou triste. | O paciente está saudável . |

Fonte: Autoria própria

As categorias aristotélicas foram concebidas como índices linguísticos para analisar proposições e sentenças, bem como estabelecer relações entre os diferentes elementos que constituem as proposições. Essas categorias dão suporte à construção de argumentos lógicos e análise de silogismos, fornecendo, assim, ferramentas para a consolidação de uma lógica formal.

Nesse contexto, a categoria de pensamento substância é usada na lógica para fazer referência à essência de um ser em uma proposição, enquanto a categoria de qualidade é usada para se referir aos predicados atribuídos ao sujeito. A categoria de quantidade é usada para se referir ao número de sujeitos ou predicados envolvidos na proposição, enquanto a categoria de relação é usada para descrever as conexões entre diferentes sujeitos ou predicados. Por exemplo, considerando a sentença "O livro é grande e pesado", podemos identificar que a palavra "livro" se refere à substância da sentença, enquanto "grande" e "pesado" são qualidades atribuídas ao livro. Além disso, podemos inferir que o tamanho e o peso do livro estão relacionados entre si e que essas características fazem parte da descrição do livro. Embora as categorias propostas por Aristóteles possam ser úteis na análise de sentenças, é importante considerar que elas correspondem a ferramentas limitadas para análise de enunciados. Além disso, é preciso ter em mente que essas categorias tratam apenas da descrição e extração de informações das proposições com base no artefato das formas linguísticas com a pretensão de representar a realidade.

Em resumo, as categorias de Aristóteles buscam extrair informações e exprimir relações lógicas em favor da construção de um pensamento. Por meio de suas reflexões sobre a relação pensamento e linguagem, o filósofo faz a distinção entre substância, essência e acidente, construindo uma compreensão da metafísica sobre o modo de compreender a realidade. A substância é o suporte da matéria, isto é, a essência da identidade do ser. Já os atributos do ser correspondem a formas accidentais não-essenciais para a definição do objeto em sua compreensão universal.

Uma das críticas feita a Aristóteles é a insuficiência de elementos para a análise de fenômenos mais complexos e abstratos da linguagem, como a ironia, o sarcasmo, a metáfora, a linguagem figurada e outras formas de expressão que desafiam as categorias convencionais de análise. A proposta de organização de categorias, em torno da expressão do pensamento lógico no interior da sentença, não observa a

manifestação de questões afetivas e estilísticas no ato de dizer. Neves (1981) observa que Aristóteles concebe as categorias como expressão do pensamento vinculado à estrutura da língua, sendo a língua capaz de estabelecer correspondências biunívocas com os fatos objetivos existentes no mundo. A autora critica a construção teórica apresentada por Aristóteles quando concebe a gramática e a lógica como base para explicar o funcionamento da linguagem e representar a realidade. Para a autora, a doutrina aristotélica das categorias é um reflexo da estrutura gramatical grega que concebia a língua como entidade puramente lógica, supostamente, derivada da estrutura subjacente do pensamento. Sobre a noção de categoria desenvolvida por Aristóteles, Neves (1981) declara:

A categoria é distinta da coisa — porque é um modo de dizer a coisa —, mas está congruente com ela na medida em que é também o modo através do qual o homem elabora o conceito. A combinação entre os modos de ser e os modos de dizer cria a classificação quádrupla que Aristóteles apresenta nas *Categorias* (cap. 1) e que leva a compreender por que essa obra inicia com as definições de *homónyma*, *synónyma* e *parónyma*. Segundo o modo de ser e de ser dito, tudo o que é se classifica ou como substância (o que não está em nenhum sujeito) ou como acidente (o que está em um sujeito) ou como universal (o que se diz de outro) ou como individual (o que não se diz de outro). Daí resulta que tudo o, que é ou é substância (Neves 1981, p.63).

Para Neves, as categorias de Aristóteles são, em primeiro lugar, categorias da língua, ou seja, são classificações que emanam da própria língua e não das situações comunicativas. As dez categorias, descritas por Aristóteles (substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação e paixão) são insuficientes para análise de declarações realizadas em um ato comunicativo. O filósofo examina cada uma dessas categorias, restringindo-as como elas estivessem relacionadas à língua grega, como se essa vinculação pudesse espelhar a relação entre pensamento e linguagem.

Benveniste (2005) descreve as categorias de pensamento e da língua de Aristóteles como limitantes ao universo de compreensão do funcionamento da linguagem, pois suas categorias não fazem referência ao contexto de interação. As categorias aristotélicas são modos de descrever e caracterizar as coisas, definir o posicionamento dos objetos e representar as ações realizadas para dizer se uma proposição é verdadeira ou falsa de acordo a essência/substância dos objetos. As

categorias espaciais e temporais são divididas em palavras que vêm do grego e incluem coisas como "onde" e "quando". As categorias verbais são formas de descrever ações e incluem as maneiras como as coisas podem ser feitas ou recebidas. As duas últimas categorias, chamadas de verbos médio e perfeito, descrevem como algo está ou como é feito. Dessa forma, Aristóteles oferece uma tabela de condições gerais e permanentes de projeção conceitual de um determinado estado do objeto em um mundo representado de forma racional e estática.

Embora as categorias de pensamento e as categorias de língua ofereçam parâmetros de descrição dos objetos no mundo, classificando e organizando as informações, elas se restringem a uma representação estática da realidade. O fundamento da lógica aristotélica é baseado em uma teoria da linguagem que busca compreender como as coisas são e podem ser representadas linguisticamente. Ele propôs a noção de juízo a ser analisada a partir dos termos sujeito e predicado. Desta maneira, o filósofo vê a lógica como uma ferramenta capaz de organizar e analisar as ideias de acordo com o conhecimento preestabelecido. Sua ênfase está enraizada no processo de dedução como um método de raciocínio, argumentando que, a partir de premissas verdadeiras, podemos chegar a afirmações, também, verdadeiras. Diante dessa construção teórica, a linguagem se comporta como espelho do pensamento determinado por estruturas lógicas e o conhecimento preconcebido.

2 A busca de saídas para a compreensão das categorias de pensamento e de língua

Segundo Benveniste (2005), as categorias de pensamento e de língua mantêm uma relação de conexão e interdependência, apontando para a linguagem que não apenas expressa o pensamento, mas o concretiza no ato da enunciação." Diferentemente de Aristóteles, que via a língua como um espelho lógico do pensamento, Benveniste considera que o pensamento não preexiste à linguagem. Em vez disso, ele se realiza no processo enunciativo, onde a subjetividade do locutor se manifesta e transforma a linguagem em um espaço de criação interativa e dinâmica. Essa perspectiva amplia a visão tradicional e posiciona a linguagem como um elemento constitutivo, não apenas reflexivo, do pensamento. A enunciação é o momento em que o pensamento se constitui, ancorado nas relações intersubjetivas e no contexto cultural.

É impossível separar o pensamento da língua, uma vez que a forma linguística é a primeira condição para a realização do pensamento. No entanto, a relação entre pensamento e língua não é simétrica, uma vez que a língua tem a função de significar, enquanto o pensamento precisa da língua para se materializar. Benveniste (2005) critica o posicionamento de Aristóteles, pois a afirmação de que o pensamento é uma matéria à qual a língua empresta a forma é enganosa. Benveniste introduz a necessidade de categorias mediadoras que expliquem como o pensamento se organiza nas formas da língua. Essas categorias, como pessoa, tempo e espaço, funcionam como índices que conectam o sujeito ao discurso, permitindo que o pensamento se materialize em contextos comunicativos. Dessa forma, a língua não apenas reflete o pensamento, mas o molda e o atualiza na interação discursiva. O conteúdo do pensamento não pode ser vazio do seu continente, nem o continente pode ser considerado independente do conteúdo. Sendo assim, destaca-se o problema das categorias que precisam de elementos mediadores para explicar a relação entre pensamento, língua e linguagem.

Benveniste (2005) argumenta que as categorias (substância, qualidade, quantidade, relação, lugar, posição, tempo, posse, ação, paixão) catalogadas por Aristóteles são, em primeiro lugar, categorias de língua. O linguista analisa cada uma das dez categorias de Aristóteles formuladas a partir da classificação derivada dos estudos gramaticais da língua grega. Ele argumenta que as categorias de língua grega são diferentes das categorias de pensamento, já que as primeiras são atributos de um sistema que cada locutor recebe e conserva, enquanto as segundas são fruto do sistema silogístico do pensamento. Um dos obstáculos para a compreensão da teoria aristotélica é quando se especula o que se pensou e qual o conteúdo do pensamento, visto que seria necessário recorrer à intencionalidade ou à estrutura psíquica do falante. Dessa maneira, é somente quando esse conteúdo é verbalizado que ele adquire forma e se torna tangível. O autor ressalta que a natureza e o agrupamento das categorias de Aristóteles são derivados do sistema de formas particulares da língua grega que se diferem de outras línguas. Dessa forma, Benveniste esclarece que as relações entre as categorias do pensamento e da língua precisam de uma reflexão maior.

Perguntávamo-nos de que natureza eram as relações entre categorias de pensamento e categorias de língua. Na medida em que as categorias de Aristóteles se reconhecem válidas para o pensamento,

evidencia-se como a transposição das categorias de língua. É o que se pode dizer que delimita e organiza o que se pode pensar. A língua fornece a configuração fundamental das propriedades reconhecidas nas coisas pelo espírito. Essa tábua dos predicados informa-nos, pois, antes de tudo, sobre a estrutura das classes de uma língua particular. (Benveniste, 2005, p.76).

Benveniste alerta que Aristóteles elaborou uma tabela de categorias para pautar possíveis predicados de uma proposição a partir das relações entre os termos. As categorias de Aristóteles validam o conteúdo do pensamento por meio da transposição das categorias da língua. Dessa forma, a língua fornece a configuração fundamental das propriedades reconhecidas nas coisas pelo espírito. Em desacordo a essa visão, Benveniste critica os postulados de Aristóteles voltados em busca de formas universais, concebendo as estruturas linguísticas como um artefato do pensamento. O linguista demonstra a influência dos grupos sociais sobre as categorias específicas para exprimir ideias, podendo ocorrer intercâmbios diferenciados em cada língua.

O pensamento chinês pede muito bem haver inventado categorias tão específicas como o *tao*, o *yin* e o *yan*: nem por isso e menos capaz de assimilar os conceitos da dialética materialista ou da mecânica quântica sem que a estrutura da língua chinesa a isso se oponha. Nenhum tipo de língua pode por si mesmo e por si só favorecer ou impedir a atividade do espírito. O voo do pensamento liga-se muito mais estreitamente as capacidades dos homens, as condições gerais da cultura, a organização da sociedade que a natureza particular da língua. A possibilidade do pensamento liga-se a faculdade de linguagem, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar e manejar os símbolos da língua. (Benveniste, 2005, p.80).

Benveniste enfatiza que nenhuma língua tem o poder de delimitar o pensamento, pois cada uma sofre influência da cultura e da organização social em seu processo de representação; apesar disto é possível recorrer a um processo de tradução que leve em conta as idiossincrasias entre as línguas. Sob uma perspectiva crítica, Flores (2015) aponta para a concepção de língua/linguagem de Benveniste, pois ele:

Ao ressaltar alguns caracteres que língua e sociedade têm em comum, Benveniste faz uma afirmação interessante — “Língua e sociedade

são para os homens realidades inconscientes, uma e outra representam a natureza, se assim se pode dizer, o meio natural e a expressão natural" (Benveniste, 2006, p. 96)... podemos inferir que, para Benveniste, a natureza do homem é a cultura, é ali que ele nasce e é nela que vive e é humano. (...) "a língua é o interpretante da sociedade" e "a língua contém a sociedade" (BENVENISTE, 2006, p. 97), Benveniste apresenta novamente sociedade e cultura intimamente relacionadas (Flores, 2015, p.322).

Nesta concepção, a língua corresponde a um interpretante da sociedade capaz de deixar marcas de subjetividade quando se observa a relação entre língua e sociedade. Para Benveniste a linguagem é um sistema que reflete a cultura e a maneira como os indivíduos representam a realidade externa ao seu redor. Tal fato demonstra que a linguagem não é apenas uma ferramenta para expressar ideias ou comunicar informações, mas é um sistema complexo que medeia a relação do homem com a sociedade e a interação. Flores (2015) comenta sobre o texto *A linguagem e a experiência humana* (1965), Benveniste aponta para categorias universais independente da determinação cultural que se referem a pessoa, ao tempo.

Este texto é integralmente dedicado a estudar as noções de pessoa e tempo, em seus múltiplos aspectos. Benveniste parte de uma consideração universal: as línguas têm em comum o fato de possuírem certas categorias elementares que independem da determinação cultural nas quais se vê a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem. As categorias de pessoa e de tempo são exemplos disso (Flores, 2013, p.102).

Embora os conhecimentos gramaticais sejam uma chave para entender a linguagem, é necessário compreender o lugar do sujeito na compreensão do funcionamento da língua/linguagem, daí a importância da inserção da noção de pessoa e tempo na compreensão da realização do discurso. Ao estudar as categorias linguísticas, Benveniste busca entender como as categorias de pessoa e tempo se vinculam à linguagem e como essa atividade constitui significação no âmbito dos enunciados. Desta forma, ele destaca a importância da linguagem na construção da identidade cultural e individual das pessoas, reconfigurando a noção de categoria proposta por Aristóteles, a fim de avaliar os limites de descrição e a compreensão da linguagem no âmbito das análises para além das proposições.

Neste sentido, as categorias da língua e do pensamento não são apenas formas arbitrárias, mas também são meios pelos quais os falantes se comunicam, atualizam a língua e estabelecem suas identidades. A categoria de pessoa é a peça-chave para a compreensão da linguagem e a interação verbal, visto que esta categoria não se refere apenas às formas gramaticais indicadoras do sujeito da ação, mas estabelece o ponto de referência a quem toma a palavra, ao dizer eu em direção a um tu, no processo de interação verbal.

3 As categorias linguísticas de pessoa, tempo e espaço desenvolvidas por Benveniste

Em torno do tema categorias vazias da língua no processo de comunicação, Aresi (2018), observa que Benveniste começa a realizar essa discussão quando estuda as marcas de subjetividade deixadas na linguagem no texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, em 1946. Neste artigo, o linguista francês faz distinção entre as categorias de pessoa e não-pessoa nas formas verbais das línguas. Ao investigar a categoria de "pessoa" nas formas verbais, o linguista afirma que essa categoria é necessária para a compreensão do verbo, pois em todas as línguas o verbo está correlacionado à noção de pessoa. Benveniste analisa os índices de pessoalidade nos verbos, reconhecendo a sua presença, apenas, nas formas referidas à primeira e segunda pessoa do discurso (eu e tu), estando ausente na forma de "terceira pessoa".

As reflexões sobre as relações de pessoa no verbo são construídas através de uma série de operações verbais indicativas da posição do falante em relação ao objeto do discurso e ao destinatário. Por esse caminho, é possível pensar sobre a noção de tempo, modo e voz verbal que revelam a posição do falante em relação ao tempo, à atitude e ao foco centrado na ação exercida ou sofrida pelos participantes de uma atividade. O tempo verbal indica o momento da ação (passado, presente ou futuro); o modo verbal expressa a certeza, hipótese ou desejo em relação à ação; enquanto a voz verbal define se o sujeito realiza a ação (voz ativa) ou recebe a ação (voz passiva). Com base nessa discussão, Benveniste conclui que as relações entre as expressões da pessoa verbal são organizadas em dois padrões constantes:

1-*Correlação de personalidade*, que opõe as pessoas *eu/tu* à não-pessoa *ele*; 2- *Correlação de subjetividade*, interior à precedente e opondo *eu a tu*". A distinção ordinária de singular e de plural deve ser se não substituída ao menos interpretada, na ordem da pessoa, por uma distinção entre *pessoa estrita* (= "singular") e *pessoa amplificada* (= "plural"). Só a "terceira pessoa", sendo não-pessoa, admite um verdadeiro plural (Benveniste, 2005, p. 258).

Essas correlações são importantes para entendermos como os diferentes pronomes pessoais e suas respectivas formas verbais expressam diferentes níveis de subjetividade. Além disso, a distinção entre pessoa restrita a um ser e pessoa amplificada é fundamental para entendermos a distinção entre o singular e o plural no processo de interação. Nesse contexto, o plural de terceira pessoa, por ser uma não-pessoa, comporta-se como verdadeiro plural. Já o plural de primeira pessoa é visto como uma amplificação do singular, uma vez que o "nós" anexa ao "eu" a uma série indistinta de outras pessoas (eu e tu; eu e ele; eu, tu e ele). Quanto à complexidade do plural do tu, o referente pode se manifestar de forma imprecisa e difusa. Em línguas como o português, por exemplo, o uso do plural de segunda pessoa é mais comum em contextos formais e religiosos, enquanto o singular é mais utilizado em contextos informais e familiares. Além disso, o plural de tu, também, pode ser interpretado como uma forma de cortesia ou respeito, mas, ao mesmo tempo, transmitir uma certa ambiguidade ou distância.

Vemos que essas distinções entre as pessoas verbais e sua organização em correlações constantes são elementos importantes para entendermos como a linguagem expressa diferentes níveis de subjetividade. Percebemos que a compreensão sobre as categorias de plural e singular em Benveniste se distancia das categorias de Aristóteles. Enquanto as categorias aristotélicas estão preocupadas com a estrutura ontológica do mundo, as categorias de plural e singular estão preocupadas com a estrutura da linguagem e como ela é usada para situar o produtor do discurso no mundo. Em outras palavras, as categorias linguísticas benvenistas refletem sobre a maneira como os falantes de uma língua percebem e categorizam a realidade quando tomam a palavra e promovem as formas vazias.

De acordo com Benveniste (1988), a língua dispõe de formas vazias quanto à referencialidade das quais o locutor se apropria para definir a si mesmo como "eu" e, ao mesmo tempo, para instalar na instância do discurso o seu interlocutor - o "tu". As formas linguísticas vazias de

referência de que fala Benveniste são por ele denominadas "indicadores" aos quais poderíamos acrescentar - sem, com isso, imputar a Benveniste algo que seja externo ao seu raciocínio - a especificação "de subjetividade". Os *indicadores de subjetividade* não têm a mesma natureza da *déixis* - indício da remissão que a língua faz ao exterior contextual. Eles são sui-referenciais e sua existência está ligada ao ato enunciativo e tem por base o ponto de vista do sujeito que enuncia. É essa sui-referencialidade que nos leva a perceber que o sujeito está presente na língua (Ferreira Junior; Flores; Cavalcante, 2015, p.533).

No texto escrito em 1958, *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste se refere à presença da subjetividade como a capacidade do locutor se colocar como sujeito na linguagem. É por meio da linguagem que se fundamenta a noção de "eu" e se constrói a categoria de pessoa em sua teoria. Dessa maneira, a "subjetividade", para o autor, não se define pelo sentimento de cada indivíduo sobre si mesmo, mas sim como a propriedade fundamental da linguagem transcender à totalidade das experiências compartilhadas, instalando um tu na atividade comunicativa.

A condição de diálogo é constitutiva da pessoa, pois implica uma reciprocidade entre o locutor e o interlocutor. A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como "eu" em seu discurso. Isso pressupõe a instalação de outra pessoa, aquela a quem o locutor se dirige, chamada de "tu". A polaridade das pessoas é, na linguagem, a condição fundamental, cujo processo de comunicação consiste no domínio da pragmática. O Ego sempre tem uma posição de transcendência em relação ao tu, mas nenhuma das duas entidades se concebe sem a outra. Benveniste (2005) destaca no artigo *Da subjetividade da linguagem* a relação de polaridade em um tipo de oposição singular, da qual não se encontra equivalência em nenhum outro lugar fora da linguagem.

A instalação da "subjetividade" na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem, a categoria da pessoa. Tem além disso efeitos muito variados sobre a própria estrutura das línguas, quer seja na organização das formas ou nas relações da significação. Aqui, visamos necessariamente línguas particulares, para ilustrar alguns efeitos da mudança de perspectiva que a "subjetividade" pode introduzir (Benveniste, 2005, p.290).

As muitas noções desenvolvidas pela linguística sobre as categorias de pessoa, tempo e espaço podem contribuir para o entendimento da língua no âmbito discursivo. A língua, sob essa perspectiva, concebe o homem que fala, sob a condição

de intersubjetividade a fim de abrir espaço para ampliação da discussão categoria de pessoa, espaço e tempo e posteriormente o estudo da enunciação. Neste contexto, é possível reconhecer as marcas de subjetividade do sujeito na linguagem.

Considerações finais

Observamos que Aristóteles (2005) e Benveniste (2006) possuem pontos de vista distintos sobre a relação língua(gem) e pensamento. Enquanto Aristóteles enfatiza a língua como um meio de expressão do pensamento e representação da realidade, Benveniste destaca a língua como uma condição para significar o mundo, a realidade e o pensamento nas interações humanas. Ambos concordam que a linguagem está relacionada ao pensamento, mas divergem quanto à natureza dessa relação. Benveniste revisa as categorias de pensamento de Aristóteles e promove uma discussão mais ampla sobre as categorias de língua para compreender o funcionamento da linguagem.

Aristóteles, ao enfatizar a relação entre língua e pensamento, direciona sua atenção para a clareza das proposições com base nas categorias gramaticais capazes de exprimir as ideias sobre as substâncias, seus atributos e suas relações com outros objetos, promovendo, assim o conhecimento e uma descrição objetiva e estática da realidade. Por meio da descrição das categorias gramaticais dos estudos da língua grega, Aristóteles formula uma categorização dos elementos linguísticos como ferramentas importantes para a compreensão da estrutura lógica das proposições e consequentemente a representação dos fatos expressos nas sentenças.

Ao se concentrar na classificação e categorização dos elementos linguísticos, Aristóteles parece subestimar a complexidade e a diversidade da linguagem na dinâmica social. Sua ênfase na estrutura lógica das proposições negligencia aspectos importantes da linguagem, como a criatividade, a subjetividade e as relações intersubjetivas. Além disso, cada língua possui suas próprias particularidades e modos de expressão, que não, necessariamente, se encaixam com as categorias propostas por Aristóteles.

Já Benveniste destaca a importância das formas linguísticas vazias (categorias de pessoa, tempo e espaço) na construção da subjetividade e das relações intersubjetivas. Para Benveniste (2005), a língua não se comporta, apenas, como

expressão do pensamento, mas também uma forma constitutiva do homem na atividade de interação verbal. Para Benveniste as formas vazias desempenham um papel fundamental na construção da subjetividade e na constituição do sujeito na realização do discurso.

Para Benveniste (2005), o sentido não é algo denotado pela palavra ou signo linguístico enquanto mera expressão do pensamento, mas é constituído na relação do sujeito que toma a palavra e estabelece índices de tempo e espaço na expressão comunicativa que manifesta sentido na interação. Ele entende que o sentido é uma construção intersubjetiva formulada a partir das unidades linguísticas, a estruturação sintática e as condições discursivas de produção e recepção do enunciado. Em sua teoria, destaca-se o sentido como um processo de significação determinado tanto pelos aspectos linguísticos como extralinguísticos, pois o sentido não é algo estático e imutável. Desta maneira, Benveniste enfatiza as marcas linguísticas do sujeito manifestadas no enunciado como ponto de referência para a compreensão das relações intersubjetivas mediadas pela linguagem.

Referências

ARESI, Fabio. Pronomes e “formas vazias” no desenvolvimento da teoria enunciativa de Émile Benveniste. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 56, p. 38-56, 2018.

ARISTÓTELES. *Organon: I – Categorias. II - Perírmeneias*. Lisboa: Guimarães Editores Ltda, 1985.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005.
_____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

FERREIRA JUNIOR, João Teixeira; FLORES, Valdir do Nascimento; CAVALCANTE, Maria Cláudia Brito. A Teoria de Benveniste sobre a pessoalidade e seus desdobramentos na enunciação infantil. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, [S. I.], v. 31, n. 2, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-44509841905164449>.

FLORES, Valdir do Nascimento. A língua, as línguas, o pensamento: apontamentos de leitura de Categorias de pensamento e categorias de língua. *Revista Desenredo*, v. 14, n. 3, p. 504-514, 7 dez. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/195770>. Acesso em: 10, ago. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; SEVERO, Rita Teresa. Linguagem e cultura: uma abordagem com Benveniste. *Veredas* (UFJF. Online), v. 19, p. 310-330, 2015.

NEVES, Maria Helena de Moura. A teoria linguística em Aristóteles. In: **Alfa**, São Paulo, v. 25, 1981. p. 57-67. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128801>. Acesso em: 18, nov. 2023.

Notas

* Professor Titular, Departamento de Letras de Itabaiana (DLI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6196-5824>, e-mail ricardocarvalho.ufs@hotmail.com